



A série de reportagens “O Rio da Vida”: uma análise dentro da rotina teórica do jornalismo

Amanda Pinto Franco¹

RESUMO

Este artigo tem por objetivo fazer uma análise da série de reportagens “O Rio da Vida” dentro da perspectiva teórica do jornalismo como o agendamento, objetividade e critério de noticiabilidade. Para tanto serão utilizados como norteadores deste estudo os autores Muniz Sodré (1986), Gaye Tuchman (1999), Noelle-Neumann (1980), Lorenzo Gomis (1986) e Barros Filho (2003) que são referências nos temas citados. O material jornalístico foi exibido pela TV São Francisco, de Juazeiro-BA, no período entre 05 e 09 de Outubro de 2009 em comemoração ao aniversário de descobrimento do rio Sanfranciscano. “O Rio da Vida”, que tem produção de Maria Lima e Siméia Valverde e reportagem de Maria Lima, reporta o Rio São Francisco por cinco vertentes como transposição, aproveitamento, inspiração artística e agressão fluvial.

PALAVRAS-CHAVE: Rio São Francisco, rotina produtiva, reportagens

Introdução

As grandes reportagens são um exemplo de como um tema pode ser abordado através de um relato humanizado, já que o gênero reportagem consiste, “em uma narrativa com personagens e descrições de ambiente, segundo Muniz Sodré (1986). Diferente da literatura,

¹ Estudante de Graduação 7º Semestre do Curso de Comunicação Social-Jornalismo em Multimeios- Uneb, Email: amandapintofranco@gmail.com

apresenta objetividade jornalística em sua construção. A linguagem das reportagens tem um envolvimento maior da subjetividade de quem a produz. Trata-se da interpretação do repórter perante um fato. Nela é possível noticiar algo com maior liberdade de produção.

Com isso, este artigo tem por objetivo analisar a série de grande reportagem exibida pela TV São Francisco no período entre 05 e 09 de Outubro de 2009, chamada “O Rio da Vida”, produzido por Maria Lima e Siméia Valverde.

A série “O Rio da Vida” foi produzida durante um período em que o projeto de transposição do rio gerou grande polêmica na sociedade. Este tema gera muita controvérsia, portanto dá oportunidades para discussões, além de proporcionar um alerta à população pela revitalização das águas são franciscanas. A série “O Rio da Vida” foi dividida em cinco reportagens: geral/nascente/desembocadura, transposição, potencialidades/aproveitamento, agressão e inspiração. Todas as reportagens exibem um caráter de preservação ao rio.

A análise que se pretende estabelecer é pautada pela perspectiva das teorias do jornalismo, a fim de identificar o grau de objetividade na construção da grande reportagem, o agendamento ao tema, além de registrar observações sobre a edição das imagens. É notável traçar, inclusive, um perfil das características do que seria o interessante, ou seja, o que fará as pessoas comentarem, e do que seria o importante, que provocam impacto para a sociedade.

Objetivo, mas não impessoal

A objetividade é um ritual estratégico, como bem denomina Gaye Tuchman (1971) em seu ensaio sobre a objetividade dos jornalistas, caracterizada por “obedecer” procedimentos que produzem efeitos de formalidade; constituindo-se artifícios organizacionais, pois em uma mesma notícia devem-se levar em consideração as palavras utilizadas pelo jornalista, assim como os artifícios implícitos que denotam sua intencionalidade.

A série de reportagens “O Rio da Vida”, como já apresentada, foi dividida em cinco temáticas. A primeira foi denominada como geral/nascente/desembocadura ressaltando as particularidades do rio São Francisco que o torna único, incluindo-o como berço do surgimento de artesanatos, gastronomia e folclore “samba de veio”. A transposição foi destaque no segundo dia da série e apresenta o projeto e as discussões entre ribeirinhos (contra a transposição) e políticos (favoráveis ao projeto). Já as potencialidades/aproveitamento mostra os cuidados com o rio ensinados aos pescadores, a

pesca das famílias ribeirinhas, incluindo a criação de alevinos em Sobradinho que servem com fonte de renda, foi o tema do terceiro dia de reportagens. Também foi abordada neste dia, a pesca em épocas de piracema e a fruticultura irrigada com a utilização das águas do São Francisco como ponto de desenvolvimento econômico da região.

No quarto dia o tema foi a agressão sofrida pelo rio, a denúncia à grande quantidade de lixo e esgoto depositados no rio e a abordagem de especialistas sobre as maiores doenças presentes no Vale do São Francisco. Trouxe inclusive a opinião de pescadores sobre a escassez dos peixes nativos do São Francisco. Para finalizar a série “O Rio da Vida” falou-se da inspiração dos artistas ribeirinhos que têm o rio como fonte de criação, propagando tanto as belezas que o rio possui quanto os perigos que o ele sofre. Essa diversidade de temas fez com que se abrisse uma gama de possibilidades de discussão sobre o rio São Francisco.

Durante toda a série são exibidas fontes que complementam o assunto abordado. Dentre eles, na segunda parte que discute a polêmica da transposição, identifica-se um alto grau de ritual de objetividade, pois como o tema transposição causa divergência entre opiniões de ribeirinhos, especialistas e políticos, puderam ser aproveitadas fontes opostas, ou seja, com opiniões diferentes, o que criou um efeito de imparcialidade por parte da série. Foram ouvidos: o membro do exército que esclareceu o replantio de mudas da caatinga, a advogada e ex-vereadora, Flor de Maria Bandeira, que é favorável ao projeto de transposição, a cacique Truká Rita Barbalho que afirma que os mais prejudicados com o projeto de transposição são os indígenas, como também o representante do Fórum de Defesa do Rio São Francisco, Roberto Malvezzi, o qual afirma sobre o verdadeiro objetivo de transpor as águas são franciscanas.

A jornalista apresentou fontes conflituais e pôde defender-se de qualquer acusação de parcialidade no tratamento da matéria ou de exposição de opinião. “Ao apresentar ambas as versões, o repórter (objetivo) permite supostamente ao leitor decidir”, como afirma Gaye Tuchman (1999). No caso das reportagens do Rio da Vida, ao telespectador que assiste a reportagem, formar sua opinião a favor ou contrária ao projeto de transposição das águas do rio. Portanto há uma visível convergência entre a maneira como foi estruturada a matéria com a teoria de objetividade desenvolvida para uma coerente formação das notícias.

Porém ser objetivo não significa ser imparcial, pois existem vários recursos que podem ser utilizados para que haja direcionamento da matéria, apesar de apresentar as

diferentes versões do caso. Neste sentido existem, por exemplo, a ênfase dada a um segmento da discussão, como também a entonação da voz da locutora ao narrar alguns fragmentos ou mesmo artifícios linguísticos que modificam os entendimentos por parte do ouvinte e bastante usados pelos bons retóricos.

A construção do sub-tema transposição, por exemplo, é arquitetada pela jornalista, pois segue a ordem: Dom Cappio contra a transposição, advogada Flor de Maria a favor do projeto, Engenheiro Fontenelle como fonte institucional e, por isso, defensor do projeto, cacique Rita Barbalho contrária à transposição e por fim Roberto Malvezzi avesso ao projeto, “por todos os prejuízos que este irá causar ao rio”, afirma. Percebe-se que além de haver um maior número de fontes discordantes (três das cinco fontes presentes) do projeto de transposição, nota-se também que os personagens que iniciam e finalizam a matéria possuem a ideia não favorável ao desvio das águas por parte do governo.

Os argumentos exibidos a favor das obras ocupam apenas 41% do tempo destinado às falas dos entrevistados. Além disso, as imagens que serviram para relatar a greve de fome de Dom Luís Flávio Cappio eram bastante comoventes como o seu transporte sobre uma maca após 23 dias de protesto. A imagem de abertura de cada reportagem também apresentava D. Cappio em quase 1/4 das cinco imagens exibidas na tela, o que também norteia à intenção da jornalista.

O texto construído em toda série de reportagens evidencia a contínua decadência pela qual está passando o rio São Francisco. Mas também, de modo implícito, alerta para o perigo da transposição sem que se realizem os projetos adequados de revitalização. É nesse momento que os discursos construídos em toda reportagem possuem efeito de parcialidade, porém percebidos em pequenos detalhes como na entonação da voz da repórter. A exemplo, no fragmento da série “transposição”, a jornalista ao falar sobre o desmatamento provocado pela construção da barragem de Tucutu afirma:

Aqui já não há mais vegetação. Dois quilômetros de canal ligam o rio São Francisco à BR 428 em Pernambuco. Do outro lado da rodovia uma barragem está sendo construída. 15 % da obra já foram executados. (RIO DA VIDA, 2009)

Este trecho, retirado do *off* da reportagem, ressalta o perigo do progresso das obras de transposição. Apesar das interrupções ocorridas na construção a repórter destaca a extensão

do canal e expõe dados para dar evidência ao desmatamento, como a proximidade que o canal tem do rio e a porcentagem concluída da obra.

Ao longo da narração do *off* da série “O Rio da Vida” podem ser percebidas algumas marcas linguísticas nos argumentos, que teoricamente são imparciais, mas se observadas gramaticalmente operam com força persuasiva, ou seja, convencem com apelo emotivo, mesmo que de maneira implícita. São mecanismos discursivos como o “já” em “o governo já gastou 40 milhões de reais”. A mensagem emitida com essa partícula não se mostra adepta ao projeto de transposição, nem mesmo imparcial, mas o “já” é uma forma de ressaltar a grande quantia financeira usada para apenas uma parcela concluída do projeto.

A reportagem e o agendamento

Não somente na mídia local, mas nacionalmente o rio São Francisco é pautado como solucionador dos problemas da escassez de água pelo qual passa o sertanejo. Há também o reconhecimento internacional por transformar uma região semiárida em um dos maiores pólos de produção de frutas tropicais por meio da irrigação, o que proporcionou ao Sub-médio Vale do São Francisco a dinamização da economia local. Mas, nos últimos anos, a frequência que o São Francisco é citado nos meios de comunicação, deve-se ao projeto de transposição proposto pelo governo brasileiro.

A polêmica está entre agressão ao rio que, segundo as organizações que defendem a bacia do São Francisco, está muito atingido por poluição e assoreamento, e a transformação em “rio da Integração Nacional”, que beneficiará estados como Rio Grande do Norte, Pernambuco, Ceará e Paraíba. A degradação do rio gera enorme discussão entre políticos, ribeirinhos e defensores ambientais devidos aos interesses econômicos de cada um.

Aproveitando-se de tal acontecimento, considerado pelos meios de comunicação como um “fato quente”, principalmente pela polêmica e pelos desdobramentos que o tema acarreta, a mídia sempre transforma as questões ambientais do rio São Francisco em notícia. O agendamento feito pela mídia nacional, seja televisiva, impressa ou radiofônica faz com que as mídias locais agendem também o tema em questão, principalmente por ter proximidade geográfica.

A série de reportagens “O Rio da Vida” possui uma sequência de sub-temas com qualidade de *newsworths*, ou seja, “valem à pena serem noticiadas, pois retém a atenção do

telespectador” (BARROS FILHO, 2003, p.186). O questionamento a ser feito é se o fato em si tem a capacidade de agendar a mídia local a ponto de fazê-la produzir as reportagens. Desse modo, como descreve Barros Filho, “há temas que proporcionam discussão social mais intensa e outros, menos”. Portanto, o impacto ambiental à bacia hidrográfica do São Francisco tem potencial noticiável como um tema “temático”, pois é um acontecimento que gera repercussão na esfera pública (FILHO, 2003, p.195). Logo, apesar de os meios de comunicação agendar uns aos outros, há também como um meio transformar um tema em notícia pela notoriedade do fato.

A sequência de reportagens durou, como já apresentado, cinco dias, e é indispensável relacionar o que a TV São Francisco fez com a “agenda pública”, já que nesse período foi inegável o comentário dos telespectadores sobre o assunto diariamente abordado. Existiram comentários através de sites de relacionamentos e conversas interpessoais relevantes aos problemas que o rio está passando. Ao explicar sobre agenda pública, Barros Filho afirma que “não é pelo fato de que haja coincidência temática que, necessariamente, são os meios que agendam o público” (BARROS FILHO, 2003, p.177). Porém essa afirmação não pode ser justificada neste caso, já que se for considerada a abrangência dos assuntos que podem ser discutidos sobre o rio São Francisco, o que foi discutido pela população telespectadora das reportagens teve densa relação com os temas exibidos na série “O Rio da Vida”.

Para que ocorresse o agendamento do meio para o público, foram utilizadas algumas estratégias como a “personalização” causada pelos depoimentos dos personagens na terceira edição da série. Neles estão falas que marcam a força que o pescado do São Francisco tem para a população que vive às margens do São Francisco. A personalização, ou seja, o uso de pessoas que servem como personagens para falar sobre certos assuntos, também é um dos recursos cruciais na montagem de uma matéria. É eficaz no agendamento, pois a depender de quem fale sobre determinado assunto, fará com que o público comente cada vez mais sobre o tema tratado. Outro item bastante importante na construção telejornalística é o BG (*back ground*- trilha sonora de reportagem) que dá suporte ao que será dito pelos personagens, assim como pelo repórter, pois com a reunião de música e depoimento ou off, as informações fixam melhor no telespectador a ponto de fazê-lo repercutir a informação transmitida pelas reportagens.

Entre o interessante e o importante

O jornalismo atual está tornando-se cada vez mais uma ferramenta que além de informar, diverte e provoca reflexões. As reportagens sobre “O Rio da Vida” fazem esse paralelo entre os valores do que tem importância e do que pode tornar-se interessante aos telespectadores. Lorenzo Gomis diferencia: “o importante, o que terá consequência, o que permanecerá registrado na história, escasseia. O interessante, o que fará o povo falar, o que provocará comentários que formarão a realidade, abunda” (GOMIS, 1986, p.231). A partir dessa visível necessidade de combinar esses valores na notícia, faz-se necessário delinear brevemente até onde se encontra a notícia que provoca impacto e quais características se apresentam como um fator anedótico ou que impressiona.

Ao retomar o conceito dado por Gomis(1986) sobre o importante é possível afirmar que o tema da série em si possui a característica de imprescindibilidade, ou seja, a problemática a qual o rio São Francisco passa que o ameaça e guia para seu fim é de extrema relevância e deve ser discutido por todos os brasileiros, inclusive. As informações exibidas nas reportagens, como afirma Gomis, não podem deixar de serem ditas e, portanto, recebem toda a atenção para a escassez dos peixes, por exemplo, ou para o acompanhamento da construção das barragens para o projeto de transposição. Todos os dados mostrados nas reportagens “cumprem uma função: comunicar ao cidadão as informações que devem conhecer para estar a par do desenvolvimento dos assuntos.” (GOMIS,1986, p.235)

Quando considerados os aspectos do que fariam repercutir, nota-se sem dúvida o atrelamento do importante com o interessante. Ao mesmo momento em que, por exemplo, a transposição tem forte impacto para o futuro da população, principalmente ribeirinha, e provoca discussões, também faz com que os telespectadores passem a comentar o assunto com mais frequência. Da mesma forma atribui-se a combinação interessante-importante para o sub-tema agressão, pois é um fato que atinge a todos que dependem das águas do São Francisco. E ao mostrar o lançamento do esgoto diretamente no rio, faz com que haja maior conscientização por parte da população, além de fazer com que estes reflitam sobre as obrigações das administrações públicas, fundindo, então, o que é de interesse e o que é importante à população.

Porém, apesar da importância do sub-tema para a região, considera-se que o mais interessante em toda a série é o “rio da inspiração”, pois envolve uma gama de artistas e por isso gera maior número de conversas entre os telespectadores- pela presença dos famosos e as curiosidades contadas por eles.

Os desdobramentos gerados pelo impasse acima citado podem ser entendidos também como de caráter do importante, pois em um assunto onde tantas opiniões são colocadas fazendo com que o tema se desenvolva, certamente possui um impacto social.

Considerações Finais

Após as análises referentes às reportagens de “O Rio da Vida” foi possível compreender a complexidade da construção de uma notícia, pois os acontecimentos são construídos através do significado que o jornalista quer dar ao fato. Como afirma Stuart Hall *apud* Traquina(2004), segundo a Teoria Construcionista, “a notícia não é um relato, mas uma construção” e ainda “as pessoas têm interesse em versões diferentes desse acontecimento, que qualquer acontecimento pode ser construído das mais diversas maneiras e que se pode fazer significar as coisas de um modo diferente”.(HALL *apud* TRAQUINA, 1984, p.4) Estas construções podem ser feitas através dos procedimentos já discutidos como as estratégias que um jornalista usa para que o tema seja agendado, ou mesmo as disposições para torná-lo interessante, além da importância que tem o fato.

Certamente todos os procedimentos utilizados pela jornalista, assim como por todos os profissionais da notícia, devem ser emanados em forma rotineira. Neste ensaio foram utilizadas algumas teorias necessárias na análise, a exemplo da linguagem utilizada na construção da notícia, o agendamento feito pelos meios- uns aos outros ou até do meio ao público-, o caráter do interessante e do importante intimamente presente nas notícias e o silenciamento por parte da jornalista.

As intencionalidades percebidas na estruturação das reportagens foram notadas através de um olhar mais semiótico, que talvez não fossem perceptíveis se apenas assistidos com intuito de acumular informação pelos telespectadores (leigos aos direcionamentos jornalísticos), como por exemplo, ao fim da edição de terça-feira (transposição) quando a fala de Roberto Malvezzi é colocada no off da narradora, juntamente com a imagem do rio e o *back ground* da série. Isso torna clara a parcialidade com intenção de fixar aquela mensagem no público e, quando colocada de tal forma o agendamento, vai seguir em um sentido, ou seja, como há a intenção da jornalista em defender o rio, a construção da reportagem fará com que os telespectadores e até alguns meios de comunicação agendem da mesma maneira que foi edificada a notícia pela jornalista.

O critério de noticiabilidade do jornalista é que fará a notícia ser da forma que é exibida. O quão ela pode ser importante também pode tornar-se interessante, a depender de como será tratada. O seu enquadramento servirá também para fazer com que os meios, como também o público, agendem em suas discussões o que o jornalista abordou. O silenciamento de algumas informações também faz parte da intencionalidade do jornalista, pois quando alguma notícia é deixada de ser exibida, está ali o grau de influência construído pelo jornalista.

Referências

BARROS FILHO, Clóvis. **Ética na Comunicação**. 4º ed., São Paulo, Summus, 2003.

CAMPOS, Celso Pedro. **Jornalismo Interpretativo**. Disponível em <http://webmail.faac.unesp.br/~pcampos/Jornalismo%20Interpretativo.htm>, acessado em 02/02/2010 às 16:00

GOMIS, Lorenzo. **Do importante ao interessante**. In: Pauta Geral. 5º ed., São Paulo. Summus, 1986

ROSEN, Jay. **Para além da objetividade**. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo Cívico**. Lisboa: Livros Horizonte, 2005.

SODRÉ, Muniz. **Técnicas de Reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**/ Muniz Sodré, Maria Helena Ferrari. São Paulo. Summus, 1986.

TRAQUINA, Nelson. In **Questões. Teorias e “Estórias”**. 2º ed., Vegas, 1999.

TRAQUINA, Nelson. **Teoria do Jornalismo- por que as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2004